

AJ 08520

O CENTRO DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE TOXICÔMANOS (CPTT) ESTÁ SEM PROFISSIONAIS CAPACITADOS PARA OFERECER OFICINAS DE ARTE

## Vitória tem apenas duas equipes de abordagem de meninos de rua

A Capital também não possui casa de passagem e leva os menores para casas de outros municípios

**JUSSARA BAPTISTA**

jbaptista@redgazeta.com.br

A Prefeitura de Vitória cortou pela metade o número de equipes que trabalham com as crianças de rua da Capital. A decisão da Secretaria Municipal de Ação Social reduziu o número de integrantes do programa Rede Criança. Apenas duas das quatro equipes ainda continuam atuando no trabalho de convencer as crianças a voltarem para suas famílias.

Presidentes de associações de moradores de Vitória criticam a política da prefeitura e não concordam com a redução dos profissionais.

A presidente da Associação Comunitária de Jardim Camburi, por exemplo, Mariléia Almeida, Ribeiro, disse, por exemplo, que não vê as equipes de abordagem no bairro, enquanto o número de crianças tem crescido a cada ano.

Segundo ela, os menores ficam perambulando pelo bairro e se envolvem em delitos, como pequenos furtos. "Na praça, que fica atrás da igreja

da cidade tem se estendido para o setor da saúde. Pacientes do Centro de Prevenção e Tratamento ao Toxicômano (CPTT), que atua com dependentes químicos, e do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPs), ambos na Ilha de Santa Maria, estão sem profissionais que realizam as oficinas. O contrato de seis deles venceu há dois meses e não foi renovado pela prefeitura.

Vitória - reconhecida nacionalmente pelo alto padrão de qualidade de vida e por ser uma das cidades com maior renda per capita do país - é também o município que convive, há décadas, com crianças nas ruas. É a única cidade da Região Metropolitana, por exemplo, que não possui uma casa de passagem para abrigar os menores, tirando-os definitivamente das ruas. Alguns são levados para casas de passagens de outros municípios, já superlotadas.



**SEM ALENTO.** Sem atendimento adequado, os jovens ficam perambulando pelos bairros e cometem pequenos delitos. FOTO: EDSON CHAGAS

## PMV retoma projeto em 2006 Drogas, furtos e surra da polícia são rotina

Projetos da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Vitória, que serão iniciados em 2006, prometem mudar a realidade das crianças de rua da Capital. A construção de uma casa de passagem e a inauguração do segundo conselho tutelar devem passar do papel para a prática no próximo ano.

Combate à Fome, em Brasília, que deve enviar uma verba de R\$ 100,00 mil. O dinheiro será empregado para a construção de uma sede e adaptação de um imóvel, que servirá de abrigo para os menores que estão nas ruas: a tão esperada casa de passagem.

Helena explica que o pro-

Peçanha, explicou que, apesar de as equipes terem sido reduzidas pela metade, o trabalho não foi prejudicado. Segundo ela, há mais técnicos contratados e menos estagiários para que haja mais constância nas atividades.

As equipes, segundo Jane, realizam um trabalho educativo com as crianças, com o in-

Muitos meninos de rua não querem voltar para casa com medo da violência familiar

diam ajuda aos motoristas.

Entre os relatos, as crianças alegam que o dinheiro, que é pedido nas ruas, serve para ajudar o orçamento das famílias, que, em alguns casos, moram em outros municípios. Outras, como J., 15 anos, já pas-



exemplo, que não vê as equipes de abordagens no bairro, enquanto o número de crianças tem crescido a cada ano. Segundo ela, os menores ficam perambulando pelo bairro e se envolvem em delitos, como pequenos furtos. "Na praça, que fica atrás da igreja Batista, há menores que convivem com a população de rua. Os maiores mantêm relações sexuais no local".

Em Jardim da Penha, o líder comunitário Rodolfo Dalla Bernardina, disse que o problema de crianças na rua tem se mantido constante ao longo dos anos. Segundo ele, os moradores querem investimentos na área.

Na Praia do Canto, o vereador José Carlos Lyrio lamentou a redução da equipe da abordagem de rua, que, segundo ele, realizou um bom trabalho na região.

Os problemas na área social

#### Serviço

■ Para contactar as equipes de abordagens de rua:

- 0800-39-5055
- 9941-1002
- 9941-1004

Social da Prefeitura de Vitória, que serão iniciados em 2006, prometem mudar a realidade das crianças de rua da Capital. A construção de uma casa de passagem e a inauguração do segundo conselho tutelar devem passar do papel para a prática no próximo ano.

De acordo com a diretora do Departamento de Assistência à Criança e Adolescente de Vitória, Helena Ventorin, um projeto foi elaborado e enviado ao Ministério do Desenvolvimento Social e

que deve enviar uma verba de R\$ 100,00 mil. O dinheiro será empregado para a construção de uma sede e adaptação de um imóvel, que servirá de abrigo para os menores que estão nas ruas: a tão esperada casa de passagem.

Helena explica que o programa de abordagem de rua existe há 12 anos e trouxe uma série de benefícios. No entanto, reconhece que precisa de revisão.

A coordenadora do projeto de Abordagem de Rua, Jane

de as equipes terem sido reduzidas pela metade, o trabalho não foi prejudicado. Segundo ela, há mais técnicos contratados e menos estagiários para que haja mais constância nas atividades.

As equipes, segundo Jane, realizam um trabalho educativo com as crianças, com o intuito de reintegrá-las às famílias. "Trabalhamos para que as famílias se preparem para recebê-las" Os meninos vão participar de oficinas de trabalho, que foram interrompidas.

## Contrato não foi renovado

Pacientes do Centro de Prevenção e Tratamento ao Tóxicômano (CPTT), de recuperação de dependentes químicos, e do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPs), de atendimento a doentes mentais, perderam, há dois meses, o contato com artistas plásticos que realizavam oficinas, parte do tratamento de recuperação. Os contratos com os profissionais não puderam ser renovados pela Secretaria de Saúde. No CPTT, os técnicos que atuam na equi-

pe interdisciplinar estão improvisando o trabalho para não interromper o tratamento de pacientes.

Os auxiliares de enfermagem David Sibien, 24, e Bruno Filho, 20, por exemplo, lançaram duas novas oficinas que têm feito sucesso entre os pacientes: a de música Gospel e a de samba e forró, respectivamente. David é evangélico, enquanto Bruno é mestre-sala da Unidos de Jucutuquara. Outra técnica de enfermagem Rosana do Amor Divino assumiu a ofici-

na de reciclagem.

A prefeitura, por sua vez, explica que os contratos, que estavam sendo renovados sucessivamente há quase 10 anos, foram suspensos por estarem em desacordo com a lei. De acordo com a diretora do Departamento de Assistência à Saúde, Henriqueta Sacramento, um novo processo seletivo está sendo realizado para 216 vagas e a prefeitura está se adequando à lei, chamando concursados e preparando novos processos.

## Muitos meninos de rua não querem voltar para casa com medo da violência familiar

O medo que as ruas impõem para a maioria dos moradores de Vitória produz um efeito contrário para os meninos e meninas que dormem em calçadas ou sob pontes e passam o dia perambulando pela Capital. Os menores, alguns de até oito anos, transformam avenidas e praças em cômodos de suas casas, convivendo com a população de rua como integrantes de uma família.

A rotina dessas crianças envolve brincadeiras, uso de drogas (principalmente tiner e crack) e pequenos furtos. Todos fazem pedidos de ajuda à população, desde comida e roupas a dinheiro. Outros relatam violência policial e denunciam que são vítimas de espancamento.

Por volta das 21 horas da última quarta-feira, um grupo de meninos entre 11 e 15 anos, se escondia no alambrado de uma avenida, próximo ao acesso à Terceira Ponte. No local, pe-

diam ajuda aos motoristas.

Entre os relatos, as crianças alegam que o dinheiro, que é pedido nas ruas, serve para ajudar o orçamento das famílias, que, em alguns casos, moram em outros municípios. Outras, como J., 15 anos, já passaram pela na Unidade de Internação Provisória (Unis).

Na Praia de Camburi, um grupo de crianças, acompanhados de dois maiores, disputavam comida nas lixeiras dos quiosques.

W., 12 anos, revela que gosta da rua porque tem liberdade para fazer o que quer. "É legal, tia. A gente dorme na rua, pede as coisas, brinca, cheira tiner, rouba bonés e roupas dos play boys. A única coisa ruim é a polícia que coloca a gente no banheiro para tomar banho e bate de pau".

A droga, sobretudo o tiner, é comprado em material de construção pelos maiores.

Quando o assunto é família, as crianças preferem não comentar muito. M., de 13 anos, mora na região de São Pedro e tem mais seis irmãos. Porém, ele não quer voltar para casa. "Meu pai me bate muito, prefiro ficar com meus amigos na rua".

### ROMILDO COSTA VIEIRA GARÇOM

## "A sociedade não se importa"

Romildo chegou a abrigar um menor por uma semana e não conseguiu ajuda de nenhuma instituição

♦ Texto **JUSSARA BAPTISTA** Foto **EDSON CHAGAS**

O garçom Romildo Costa Vieira, 25, é um daqueles que reclamam do atendimento dado a crianças de rua da Capital. Há um ano, ele precisou abrigar um menor em sua casa, por uma semana. Romildo conta que procurou ajuda da prefeitura, de policiais e de entidades que abrigam menores, sem que houvesse solução para o caso.

**Você levou uma criança de rua para morar com você. Como foi essa experiência?**

Há um ano, mais ou menos, a cozinheira aqui do quiosque estava com pena de um menino porque era período de chuva. Ele disse que es-

tava com fome, sentindo frio, então levei-o para minha casa e ele ficou uma semana comigo. Ele tinha em torno de sete ou oito anos; era bem pequeno. Ele me disse que o nome dele era Daniel, mas mentiu, dizendo que não tinha irmãos, nem pai. Ele tinha dito que o pai havia morrido. Perguntei se ele queria uma casa para morar, se queria estudar, ele falou que queria.

**Você procurou ajuda da prefeitura?**

Deixei o menino em casa e procurei assistência do programa que cuida das crianças em Vitória. Liguei várias ve-

zes, mas o pessoal passava de um para outro. Resolvi então levá-lo à Polícia Civil, mas um cidadão disse que eu deveria cuidar da minha vida e não me envolver com crianças de ruas porque ia acabar me complicando.

**Da Polícia Civil, você procurou ajuda em outro lugar?**

Uma mulher lá de dentro, da Polícia Civil, me indicou uma entidade no Centro. De lá, me mandaram para Laranjeiras, na Serra. Aí fiquei sabendo que o menino já tinha passado por essa casa de Laranjeiras e que tinha mais quatro irmãos e também um pai. Deixei ele lá, mas no outro

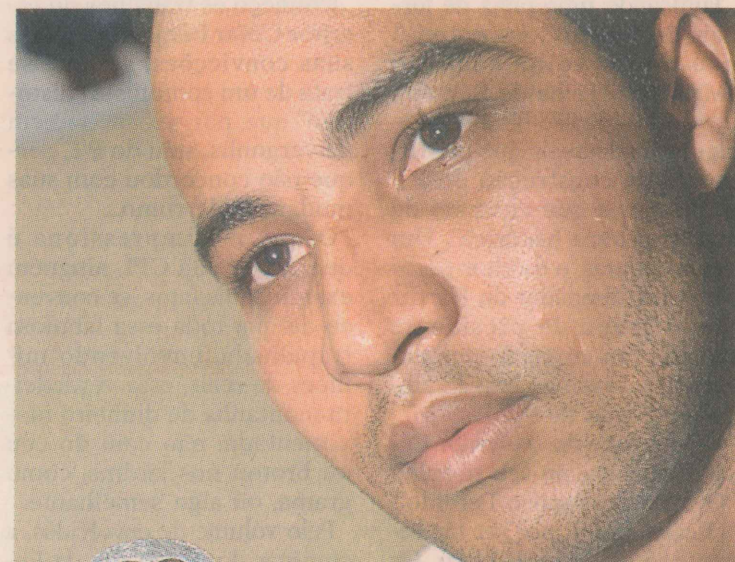
dia, ele já estava na rua: conseguiu fugir.

**Você encontrou com ele outra vez?**

Por uma semana, ainda encontrei com ele aqui no calçadão de Camburi. Depois, ele sumiu. Nunca mais o vi.

**Na sua opinião, como esse problema deveria ser encarado pela sociedade?**

A sociedade podia se unir para resolver esse problema porque é uma vergonha ver crianças nas ruas. Se os empresários e o Governo se unissem poderiam construir uma casa com educação, lazer, oficinas. Não se-



**ESPERANÇA.** Romildo acredita que o problema deveria ser enfrentado com a união de empresários e Governo.

ria preciso tanto dinheiro para fazer isso porque não são tantas crianças nas ruas. O problema é que ninguém se importa com elas e, no futuro, essas crianças se tornam marginais e se voltam contra a mesma sociedade.

**Há quanto tempo você pre-**

**sencia esse problema?**

Há seis anos que trabalho aqui em Camburi e sempre tem crianças andando na rua, na maioria das vezes, à noite, cheirando tiner. Cada dia que passa, a gente vê que mudam as caras, mas as crianças continuam nas ruas. Criança criada na rua vai virar um marginal.